

**VIVÊNCIA(S), CONVIVÊNCIA(S)  
E SOBREVIVÊNCIA(S)  
EM TEMPOS DE COVID-19:  
Mediação Intercultural  
e Intervenção Social**

**Ricardo Vieira, José Carlos Marques, Pedro Silva,  
Ana Maria Vieira, Cristóvão Margarido, Rui Matos  
e Rui Santos**

(Orgs.)

**Título:** Vivência(s), Convivência(s) e Sobrevivência(s) em Tempos de COVID-19.  
Mediação Intercultural e Intervenção Social

**Organizadores:** Ricardo Vieira, José Carlos Marques, Pedro Silva, Ana Maria Vieira,  
Cristóvão Margarido, Rui Matos e Rui Santos

**Revisão:** Ana Arqueiro

© 2022, Organizadores e Edições Afrontamento

**Capa:** Edições Afrontamento / Departamento gráfico

**Edição:** Edições Afrontamento, Lda

Rua Costa Cabral, 859 – 4200-225 Porto

[www.edicoesafrontamento.pt](http://www.edicoesafrontamento.pt) / [comercial@edicoesafrontamento.pt](mailto:comercial@edicoesafrontamento.pt)

**ISBN:** 978-972-??-????-??

**Colecção:** Textos/???

**Depósito legal:** ??????/??

**N.º edição:** ????

**Impressão e acabamento:** Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira  
[geral@rainhoeneves.pt](mailto:geral@rainhoeneves.pt)

**Distribuição:** Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.  
[Comercial@companhiadasartes.pt](mailto:Comercial@companhiadasartes.pt)

Setembro de 2022

Este livro foi objeto de avaliação científica.

Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «UIDB/04647/2020» do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.



Centro Interdisciplinar  
de Ciências Sociais  
CICS.NOVA.PLAVIO



escola superior de educação  
e ciências sociais  
instituto politécnico de leiria



centro de  
investigação em  
qualidade de vida



Associação  
Nacional de  
Gerontologia  
Social



escola superior de saúde  
instituto politécnico de leiria



ciTechCare  
CENTER FOR INNOVATIVE  
CARE AND HEALTH TECHNOLOGY



Jornal  
DE LEIRIA

# Índice

<b>O COVID-19 como Fenómeno Social Total: uma introdução</b> , Ricardo Vieira, José Carlos Marques, Pedro Silva, Ana Maria Vieira, Cristovão Margarido, Rui Matos e Rui Santos .....	7
CAPÍTULO 1	
<b>Pensar global, agir local em contexto de sindemia:</b> <b>O caso do Instituto Politécnico de Leiria</b> , José Carlos Rodrigues Gomes .....	15
CAPÍTULO 2	
<b>Reinventar o SNS em contexto de pandemia –</b> <b>vivências com responsabilidade de coordenação nos Cuidados</b> <b>de Saúde Primários</b> , Marco das Neves .....	23
CAPÍTULO 3	
<b>Periferias e proximidades em tempos de COVID: espaço(s), corpo(s),</b> <b>quotidiano(s) e máquinas</b> , Ana Piedade .....	29
CAPÍTULO 4	
<b>Pierre Tap e a intemporalidade intelectual: reflexões sobre a pandemia</b> <b>de COVID-19</b> , Pierre Tap e Rui Santos .....	41
CAPÍTULO 5	
<b>Notas sobre algumas reflexões em tempos pandêmicos</b> , Écio Antônio Portes .....	51
CAPÍTULO 6	
<b>Práticas digitais e mediação em contexto de pandemia:</b> <b>um estudo de caso numa escola</b> , Ana Carla Ferreira e Pedro Silva .....	57

CAPÍTULO 7	
<b>Confinamento e ensino à distância – impacto emocional nos professores,</b> Ana Salomé de Jesus, Ricardo Pocinho, Cristovão Margarido e Eva María Torrecilla Sánchez .....	77
CAPÍTULO 8	
<b>Aprender, sentir e ser durante a pandemia,</b> Eliana Vieira .....	91
CAPÍTULO 9	
<b>Etnobiografia de um estudante <i>Erasmus</i> em tempos de pandemia COVID-19,</b> Ana Maria Vieira .....	99
CAPÍTULO 10	
<b>O idoso institucionalizado e as respostas à COVID-19,</b> Isabel Ferreira, Luísa Carvalho e Sandra Fernandes .....	109
CAPÍTULO 11	
<b>Não te molhes, vê se não apanhas o vírus... Depois quem trata de mim?,</b> Ricardo Vieira .....	121
CAPÍTULO 12	
<b>As percepções das relações de trabalho no contexto da pandemia em um serviço de reabilitação de pessoas com deficiência,</b> Karla Dias Tomazella, Ana Paula Ribeiro Hirakawa .....	129
CAPÍTULO 13	
<b>O impacto da pandemia do COVID-19 na prática do futebol no âmbito dos clubes da AF Leiria: medidas para a retoma da atividade,</b> Manuel Mendes Nunes.....	137
CAPÍTULO 14	
<b>Pandemia, teletrabalho subordinado e a revisão do Código de Trabalho,</b> Mário Simões Barata e António Luís Bentes de Oliveira .....	145
CAPÍTULO 15	
<b>(Con)vivências e sobrevivências: o humor nos <i>media</i> sociais em contexto de pandemia – contributos para uma abordagem sociológica,</b> Marcos Olímpio Santos e Maria da Saudade Baltazar .....	157
<b>Sobre os Autores</b> .....	173
<b>Sobre os Organizadores</b> .....	181

## CAPÍTULO 9

# ETNOBIOGRAFIA DE UM ESTUDANTE *ERASMUS* EM TEMPOS DE PANDEMIA COVID-19

Ana Maria Vieira

### INTRODUÇÃO

Este texto resulta de uma comunicação oral sobre uma micro-história de vida, apresentada na 9.<sup>a</sup> Conferência de Mediação Intercultural e Intervenção Social – «Vivência(s), Convivência(s) e Sobrevivência(s) em contexto de pandemia: Relatos e experiências», realizada nos dias 26 e 27 de novembro de 2021.

Os retalhos da vida de um estudante saído de Portugal para ir fazer *Erasmus* numa universidade italiana servem, aqui, para ilustrar como um caso biográfico particular pode conter uma dimensão social que atravessa várias histórias de vida individuais e familiares para além do caso em apreço.

João, estudante universitário, rumou a Itália, no início do mês de fevereiro de 2020, em *Erasmus*, para concluir o último semestre da sua licenciatura. Ainda participou em algumas sessões de boas-vindas na universidade de acolhimento, mas logo se deparou com a luta ao COVID-19 que ali, no norte de Itália, alcançou números elevadíssimos. Alguns colegas conseguiram regressar imediatamente a Portugal. João optou por arriscar ficar no país que escolhera para fazer *Erasmus*, essa experiência que idealizara como aprendizagem e partilha de línguas e culturas e de estabelecimento de novos contactos interpessoais. Estava longe de saber os constrangimentos que tinha pela frente.

Confinado e apenas ligado ao exterior através de telefone e videoconferência, procurou encontrar atividades que passou a praticar diariamente como estratégia de (sobre)vivência num tempo nunca antes vivido. Tal passou por encontrar um horário que procurou cumprir rigorosamente, para bem da sua saúde mental, como veremos adiante.

Tanto leu em língua italiana, tanto trabalho fez de estudo da língua local em plataformas *online*, tanto procurou praticar o italiano, mesmo só quando ia às compras, que veio para Portugal, em julho de 2020, com a licenciatura terminada, o que poderia ter feito no seu país (afinal as aulas foram todas a distância), e a falar fluentemente italiano. De momento, encontra-se em novo *Erasmus*, a terminar o mestrado em Milão, lendo, estudando e investigando na língua local, consequência dessa aprendizagem e enriquecimento cultural que conseguiu fazer durante o confinamento obrigatório.

O texto, transformado agora em capítulo de livro, dá conta de alguns desses novos rituais que João passou a cumprir, por autodisciplina e como forma de viver e sobreviver em tempos de pandemia COVID-19. Dá conta, também, das dificuldades em viver só e de como não cair na solidão e, ainda, de como é possível tirar proveito, em tempos de grande constrangimento social, para a realização pessoal e para o viver com alguma qualidade de vida.

## **METODOLOGIA DE ESTUDO DE CASO BIOGRÁFICO**

As biografias, estudos biográficos e autobiográficos, depois de terem passado por classificações humanistas e romanescas, acabaram por ser, também, reivindicadas pelas ciências sociais e humanas como um paradigma científico, interpretativo e compreensivo (Ferrarrotti, 2014; Vieira, 1999, 2014). Estas ciências, primeiro a antropologia, depois a sociologia e, mais tarde, as ciências da educação (Bourdieu, 1986), estavam ávidas de encontrar formas de abordagem do vivido, do subjetivo, e de encontrar uma alternativa ao método científico (no singular, como sempre a modernidade o classificou) clássico, reivindicando um novo paradigma.

Pese embora a «ilusão biográfica», texto de Pierre Bourdieu, publicado nas *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* (1986), que de alguma forma surge como uma crítica ao excesso de investimento nesta via, de uma forma pouco refletida, este mesmo autor acaba por recorrer ao estudo do individual para aceder ao social, a que chama de categoria social, para romper com o individualismo da história de cada um. Veja-se, a este propósito, o seu livro – publicado após a sua morte, embora «redigido entre outubro e dezembro de 2001, mas em que trabalhava e refletia há vários anos, interrogando-se nomeadamente sobre a forma que haveria de dar-lhe, e que foi concebido a partir do seu último curso no colégio de França» (Bourdieu, 2005, p. 9) – *Esboço de uma Auto-Análise* (2005), traduzido do original *Esquisse Pour une Auto-Analyse* (2004), onde se esforça por falar de si, dizendo, no entanto, para ser coerente consigo próprio, que não se tratava de uma história de vida como tinha escrito já em 1986. Dizia ele, nessa altura, que

essayer de comprendre une vie comme une série unique et à soi suffisante d'événements successifs sans autre lien que l'association à un «sujet» dont la constance n'est sans doute que celle d'un nom propre, est à peu près aussi absurde que d'essayer de rendre raison d'un trajet dans le métro sans prendre en compte la structure du réseau, c'est-à-dire la matrice de relations objectives entre les différentes stations. (Bourdieu, 1986, p. 71)

Bourdieu estava preocupado em distinguir o indivíduo concreto do indivíduo construído e em mostrar como há uma superfície social onde o agente se constrói e reconstrói:

C'est-à-dire la capacité d'exister comme agente en différents champs. Ce qui fait surgir nombre de problèmes normalement ignorés, notamment dans le traitement statistique: c'est ainsi par exemple que les enquêtes sur les «élites» feront disparaître la question de la surface sociale en caractérisant les individus à positions multiples par une de leurs propriétés considérée comme dominante ou déterminante [...] (ce qui aura entre autres choses pour effet d'éliminer des champs de production culturelle tous les producteurs dont l'activité principale se situe en d'autres champs, laissant ainsi échapper certaines propriétés du champ). (Bourdieu, 1986, p. 72)

Retomando a mesma reflexão, nesta sua última obra, começa justamente por dizer que

compreender é, em primeiro lugar, compreender o campo em que nos fizemos e contra o qual nos fizemos. É por isso que, correndo embora o risco de surpreender aqueles leitores que estão à espera de ver-me começar pelo princípio, ou seja, pela evocação dos meus primeiros anos e do universo social da minha infância, devo, de acordo com o bom método, examinar antes disso o estado do campo no momento em que nele entrei, por volta dos anos 50. (Bourdieu, 2005, p. 15)

Esta reflexão sobre a reflexão de Pierre Bourdieu assenta justamente na ideia de que contar a vida de um estudante *Erasmus* não se trata apenas de uma história do ponto de vista cronológico e diacrónico para se perceber a viagem que fez de comboio ou de avião, independentemente das paisagens que atravessou. A ideia é mais pensar o campo dos estudantes *Erasmus* e suas práticas de sobrevivência em tempo de pandemia do que propriamente os rituais individuais do estudante aqui narrado. Ou seja, *à la* Bourdieu, isto também não é uma biografia, é talvez mais um contributo para o estudo do social em tempo de crise e da memória social do século XXI que abalou a modernidade científica de uma forma global. Trata-se, portanto, de pensar essencialmente o estudante *Erasmus* não como uma vida única, mas, antes, como uma categoria social, ilustrativa de um campo social.

A este propósito, e citando Jean Poirier, Simone Clapier-Valladon, e Paul Raybaut (1995), «todos quantos viveram em meio camponês até à véspera da Segunda Guerra Mundial conheceram, de uma certa forma, a Idade Média» (p. 4).

O que descrevemos como sendo duma vida de um jovem em particular é, seguramente, também parte da vida de muitos outros que foram confinados num país que não era o seu, quando o objetivo era alargar espaços, horizontes, interações pessoais, sociais e culturais (Vieira & Vieira, 2014). Muitos estudantes em *Erasmus* conseguiram regressar ao seu país de origem, após duas ou três semanas do início das aulas, no mês de fevereiro de 2020. Correram riscos nos aeroportos, nos aviões e noutros transportes. A zona de Milão, onde João teria de apanhar o avião para Lisboa, era uma das zonas de maior foco de contágio. João, como, provavelmente, uma minoria de estudantes internacionais, optou por ficar no país de acolhimento, ainda que recluso e em ensino *e-learning*, o que poderia também ter realizado em Portugal. Foi uma escolha, ainda que condicionada pelo facto de já ter alojamento pago, compras domésticas feitas, etc. Correr o risco de ser contaminado durante o regresso e poder transportar o vírus para a família? Ou ficar em Itália, acreditando que com o confinamento obrigatório tudo passaria depressa e poderia voltar às ruas da cidade que escolheu para fazer o seu primeiro *Erasmus*? Dilemas e muita mediação intrapessoal (Vieira & Vieira, 2017). Escolheu a segunda via e, em boa verdade, quando regressou a Portugal, em julho de 2020, a pandemia tinha acalmado, mas ainda não tinha sido ultrapassada. Viveu o semestre letivo dentro de um apartamento onde teve, tal como a maioria das pessoas, de se reinventar para viver com alguma qualidade de vida.

Este texto dá conta dos novos rituais que João passou a cumprir, por autodisciplina, e como forma de viver e sobreviver. Mostra, também, como dificuldades pessoais e sociais podem ser superadas e transformadas, em tempos de grande constrangimento social, através de uma pedagogia social e de uma mediação intrapessoal, para a realização pessoal e para o viver com alguma qualidade de vida (Vieira & Vieira, 2014).

## A CHEGADA A ITÁLIA

Como referido de início, João, estudante universitário, rumou a Itália, Turim, no início do mês de fevereiro de 2020, em *Erasmus*, para concluir o último semestre da licenciatura em Gestão.

Tratou da organização da casa, dos víveres, do passe para os transportes diários para a universidade e preparou-se para uma estadia de um semestre. Teve ainda tempo para o conhecimento e reconhecimento do espaço envolvente à casa,

à universidade e ao trajeto entre ambas, mas pouco mais fez porque a pandemia do COVID-19 assolou seriamente a Itália e o governo tomou medidas drásticas para um primeiro confinamento geral, a cerca de um mês de tal ocorrer em Portugal.

Participou nas primeiras sessões de boas-vindas na universidade de acolhimento, mas deparou-se rapidamente com a luta ao COVID-19, que ali alcançou números elevadíssimos, e ganhou consciência de que já não dava sequer para pensar em regressar a Portugal porque agora havia que recolher obrigatoriamente.

O tempo e o espaço associados ao *Erasmus* começavam, justamente, ao contrário das suas expectativas e do que é expectável dos programas *Erasmus*, como a troca de experiências e a interculturalidade, com uma reclusão forçada.

## **A CONFRONTAÇÃO COM A PANDEMIA E AS ALTERNATIVAS COLOCADAS**

Enquanto uma grande parte dos colegas do João decidiu e conseguiu voltar a Portugal nessa altura, João optou por ficar, pensando: «se tenho de ter aulas a distância, tanto faz ir para Portugal como ficar aqui e, assim, sempre posso ir conhecendo outra cidade e aprender outra língua». Talvez tenha pensado, também, que num mês, ou dois, a ciência e a política de gestão apertada dos espaços físicos e sociais conduziram, de novo, à abertura da sociedade à vida quotidiana. Na verdade, quem esperaria um confinamento tão prolongado, em 2020, seguido de vários outros que vieram a ocorrer? O quotidiano viria a ser outro, de facto, bem diferente do idealizado e bem mais demorado. Seis meses de confinamento.

Que fazer num apartamento alugado? Como gerir o tempo de forma a poder ser estudante (participar nas aulas *online*) mas não só? O que fazer para além da pretensa vida na escola, ainda que, agora, fora da escola, enquanto espaço físico? Com quem interagir, para além da família portuguesa, por telefone, uma vez que não tinha, sequer, havido tempo para construir amizades e camaradagens? E como gerir tudo isto com o medo constante de poder ser tocado, contaminado... por um vírus que na altura era completamente desconhecido e que já estava a matar tantas pessoas?

O Risco Global (Beck, 2008) estava eminente. O medo do escuro, do desconhecido, estava presente. Que fazer, o que fazer e como fazer? Perguntas que se colocam a qualquer humano quando se lhe retiram as suas rotinas ou se passa a ter uma espécie de «todo o tempo do mundo». Mas tempo para quê?

João percebeu que tinha de construir rotinas, que tinha de fatiar o tempo, dividindo-o entre a vida na escola (a distância) e a vida na casa a que tinha de dar vida e com a qual tinha de viver.

## **A NECESSÁRIA RECLUSÃO: VIVER, SOBREVIVER E POUCO CONVIVER**

Fechado, ligado apenas por telefone e videoconferência com os professores italianos e com a família, construiu uma rotina diária que foi planejando e que viveu com rigor e responsabilidade: apanhar sol a determinadas horas naquela varanda virada a sul; ler livros portugueses de manhã e livros italianos à noite. À tarde, o tempo era para as aulas via *online*. João conseguiu construir pontos de fuga num espaço e num tempo que era de reclusão.

A ginástica veio de novo para dentro de casa. Sem equipamento próprio, foram aplicações da internet que orientaram os treinos diários matinais que passaram a constituir um projeto de vida (tratar e revigorar o corpo, mas também compensar a ausência de mobilidade). E tanto que ele gostava de longas caminhadas...

A varanda da sala, virada a sul, passou a ser um espaço privilegiado para a leitura e a contemplação, qual ócio a que a corrida de estudante há muito não lhe concedia. Surgiu, assim, o seu canto da leitura, uma espécie de biblioteca e espaço aberto para o mundo e para a cidade a descobrir agora apenas por um olhar de cima. A observação da paisagem e da construção e organização da cidade passou a ter outros significados e leituras. Leitura pelo olhar e leitura pelo ouvir os sons da cidade em estado de emergência. O toque do campanário transformou-se num ritual diário que se misturava com as sirenes das ambulâncias.

O sol iluminou muitos dias este espaço físico que se tornou social e pessoal. Também diariamente, e várias vezes, João descia e subia as escadas do prédio como forma de exercício físico e como ritual para alargar o espaço doméstico a um espaço mais social e público e, ansiosamente, sentir alguma liberdade. Mas também veio o frio e a chuva e já não podia usar a varanda. Tinha de ficar ainda mais recluso e sem esse cantinho soalheiro. Evitou, sempre, cair na cama, de novo, para dormir ou descansar. A secretária era, então, retomada para várias tarefas para além do uso nas horas das aulas *online*.

Muitos livros de literatura portuguesa foram devorados nestes seis meses... Mais de uma dúzia. Embora sempre tenha gostado de ler, e embora já tivesse levado bastantes livros, a verdade é que talvez não os tivesse lido todos se não fosse o confinamento.

E veio o italiano, para além do inglês que já dominava bem e com que participava nas aulas *online*. Veio a língua e começou a vir a cultura. Começou a interessar-se pela história da unificação do Estado Italiano, que mais tarde veio até a aprofundar em estudos de mestrado. Através de uma aplicação que já tinha começado a usar em Portugal, dedicou-se diariamente a ouvir, ler e escrever as bases

da língua italiana. Até que vieram também os livros em italiano, que hoje lê sem qualquer dificuldade.

A falta da sua guitarra acentuou-se. Ficara em Portugal. Decidiu comprar, *online*, uma outra guitarra e passou a dedicar, também, um tempo diário ao aprofundamento e estudo da mesma; essencialmente, escalas e acordes de *jazz* e *bossa-nova* que desenvolveu neste tempo de isolamento pandémico. Também o cozinhar passou a ser uma forma de combater a solidão e de criar e aprender em novo contexto sociocultural: a descoberta de alguma gastronomia italiana e o treino da comida portuguesa, que processava, muitas vezes, com a ajuda da mãe, a quem telefonava a pedir ajuda.

### **CONCLUINDO: DOS CONSTRANGIMENTOS À CONSTRUÇÃO SOCIAL E À CRIATIVIDADE CULTURAL**

O tempo livre criado pelo confinamento permitiu ao João a aprendizagem de uma nova língua, via digital e via empírica, designadamente através da interação com os colegas de *Erasmus* e ampliada pelos escassos momentos de saída à rua para ida às compras. Seguiu-se o investimento na leitura de livros em italiano, que fez durante um semestre, findo o qual falava fluentemente a língua. Na verdade, as aulas que teve foram à distância, pelo que poderia ter concluído o curso também a partir de Portugal, mas talvez não tivesse aprendido a falar e a ler fluentemente nesta língua, uma vez que as aulas eram em inglês.

O italiano passou, desta forma, a ser cada vez mais familiar e a vontade de falar fluentemente esta língua transformou-se num dos principais objetivos deste confinamento inesperado para um estudante de *Erasmus* que busca a troca, a interação e o máximo de experiências novas. O tempo sobrava e era importante usá-lo criativamente... Os canais da televisão italiana, o visionamento de documentários em italiano, a prática e uso de aplicações na internet, o treino escrito e a prática do italiano como nova língua preencheram uma boa parte do seu tempo, que se tornou plural e multifacetado de coisas da vida e de coisas na escola, tudo dentro de um apartamento com uma sala/cozinha, uma varanda, um quarto e um WC.

O medo do contágio, a incerteza do futuro próximo, o número de mortos que não parava de aumentar, o ambiente de guerra que se vivia no exterior e o som constante das sirenes das ambulâncias que se faziam ouvir na rua a toda a hora reforçaram a autovigilância fundamental a um viver em estado de Risco Global (Beck, 2008). A necessidade de criar rotinas, objetivos, e dar sentido a cada tarefa foram fundamentais para manter a disciplina e a sobrevivência social com alguma

qualidade de vida e com muitas aprendizagens que, apesar de tudo, talvez não fossem feitas tão rapidamente como foram.

A saída que, em certos momentos, se fazia apenas para comprar alimentos era, em si, uma aventura precedida por todos os cuidados de proteção pessoal contra o vírus. Sair à rua significava ser-se abordado, várias vezes, por forças de segurança para justificar a presença no exterior, obrigando à apresentação de uma declaração escrita com o motivo da saída. Esse era o primeiro controlo, a que se seguiam algumas horas de espera na fila do supermercado. E o medo insistia e persistia...

Viveu, sobreviveu e pouco conviveu. Valeu-lhe a viagem ao sul de Itália, menos atingido pela pandemia, que foi programando e que fez na última semana do semestre, antes de voltar a Portugal. E voltou mais cuidadoso, mais pedagogo e crítico do comportamento dos portugueses em tempo de pandemia. Por autodeterminação, ficou isolado 15 dias no seu quarto com medo de poder ter contraído o vírus na viagem e de o poder transmitir aos seus pais.

Esta história individual, que é também social, mostra como uma parte da sociedade viveu, conviveu e sobreviveu em tempo de pandemia. A partilha de relatos que este congresso anuncia levou ao estudo de caso da vida de um estudante e a uma etnobiografia (Vieira, 2014) da vida de casa de um estudante em *Erasmus*.

## APOIOS

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «UIDB/04647/2020» do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECK, U. (2008). *World at risk*. Polity Press.
- BOURDIEU, P. (1986). L'illusion biographique. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 62-63, 69-72.
- BOURDIEU, P. (2005). *Esboço para uma auto-análise*. Edições 70.
- FERRARROTTI, F. (2014). *História e histórias de vida. O método biográfico nas ciências sociais*. EDUFRN.
- POIRIER, J., CLAPIER-VALLADON, S., & RAYBAUT, P. (1995). *Histórias de vida – Teoria e prática*. Celta.
- VIEIRA, A. & VIEIRA, R. (2014). Pedagogia social e mediação sociopedagógica como processos de emancipação. *REALIS*, 4(2), 105-125.

- VIEIRA, R. (1999). *Histórias de vida e identidades*. Edições Afrontamento.
- VIEIRA, R. (2014). Life stories, cultural *métissage* and personal identities. *SAGE Open*, 4(1). <https://doi.org/10.1177/2158244013517241>
- VIEIRA, R. & VIEIRA, A. (2017). Construindo pontes e travessias: Das mediações sociais à mediação intercultural. *Medi@ções*, 5(1), 44-56. <https://mediacoes.esse.ips.pt/index.php/mediacoesonline/article/view/150>